A ARQUEOLOGIA E AS OUTRAS CIÊNCIAS
SUMÁRIO

Jorge Raposo 4 Editorial

Laurent Caron 5 As estelas funerárias de Cáquere

Laura Trindade & A. M. Dias Diogo 7 O sítio romano da Comenda (Sernuda)

Enrico Sepúlveda 13 Terra sigillata tardo-italica proveniente de Tróia (Sernuda)

João Paulo Pereira 18 Artefactos liticos, traceologia e efeitos pós-deposicionais

A. Martínez Cortizas & C. Uña Rodríguez 23 Contextualización espacio-temporal de los Yacimientos al aire libre en Galicia

Joaquim Soares 37 O Neolítico e as origens do megalítismo

Lino Tavares Dias 46 Contributo para avaliação da Escola Profissional de Arqueologia

Maria M. B. de Magalhães Raimão 50 A Arqueologia da Arquitectura

Manuel João Senhos Matias 58 A prospecção geofísica e a Arqueologia

Vasco Gil Mantas 62 Arqueologia e teledeteccção

João Luís Cardoso 70 A Geoarqueologia: fundamentos e métodos

João Luís Cardoso 78 Objectivos e princípios metodológicos da Arqueozoologia

Carlos Tavares da Silva 89 Malacófauna e Arqueologia

José Eduardo Mouta 96 Arqueologia da Paisagem e Paleoecologia

António M. Monte Soares 109 Métodos de datação

António M. Monte Soares 116 A datação pelo radiocarbono

João M. Peixoto Cabro 122 Caracterização de materiais arqueológicos: I. alimentos e reconstituição de dietas

Eugénia Cunha 131 Viajar no tempo através dos ossos: a investigação paleoanatómica

Nuno Ferreira Bicho 142 Estatística e quantificação em Arqueologia

Leonardo Chamiu 148 O Coro Alto de D. Fernando no mosteiro franciscano de Santarém

António Celso Mongueci 155 Diárias de louça e azulejo de Santos-o-Velho (séculos XVI-XVII)

Mário Fernandes 169 Regimento para a administração do concelho de Almada (1771)

180 Livros 188 Actividade científica 196 Actividade arqueológica 202 Notícias 207 Caricature 210 Dos jornais

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

AL-MADE - 11ª série, n.º 5 - Outubro 1996
Quando, em 17 de Novembro de 1979, cerca de uma centena de investigadores e estudantes se reúnem nas Faculdades de Letras e de Ciências do Porto para uma mesa-redonda intitulada Contribuição das ciências naturais e exactas à Pré-história e à Arqueologia, formularam três desejos: que as comunicações apresentadas pudessem ser rapidamente editadas e divulgadas; que se desenvolvesse a reflexão multidisciplinar entre a Arqueologia e as outras ciências; que se criassem em Portugal infraestruturas técnicas de suporte à actividade arqueológica, nomeadamente ao nível da prospeção geofísica e de laboratórios de Palinologia e de datação pelo ¹⁴C.

Dois anos depois, precisamente há década e meia, cumpriu-se o primeiro desses votos com a publicação de um conjunto de trabalhos centrados no que então se consideravam as questões “mais urgentes que se levantam à nossa Arqueologia: problemas ligados à prospeção (emprego e interpretação de fotografias aéreas, métodos eléctricos e eléctrico-magnéticos de detecção...), ao estudo do meio-ambiente (climas, faunas, floras...), aos métodos de datação, aos contributos da Antropologia física, das análises físicas, das indústrias (petrografia, metatelogia...), aplicações das Matemáticas à Arqueologia, etc.”

Quanto aos restantes dois aspectos, a simples lógica do senso comum leva a admitir que a prática científica portuguesa tenha propiciado naturais desenvolvimentos em disciplinas que, nalguns casos, apenas atravessavam então um estádio embrionário, ao mesmo tempo que a observação da bibliografia entretanto produzida torna evidente a gradual construção de objectos e metodologias específicas de novas áreas de produção de conhecimento. Contudo, estas considerações não haviam ainda conduzido a uma tentativa de sistematização semelhante à realizada no Porto.

Foi deste desafio que lançamos a alguns colaboradores de Al-madán, convidando-os a apresentar o estado da questão quanto às relações entre a arqueologia e as grandes áreas: Ciências Sociais e Humanas, Ciências da Terra e da Natureza, da Arq geométrica, da Estatística... O resultado é um caderno especial com um diversificado leque de contribuições que abordam fundamentos, objectivos e métodos tipológicos de temáticas como as da geoarqueologia, arqueozoologia, malacofauna e paleoecologia, passando pela prospeção geofísica, teledeleção, métodos de datação e caracterização de materiais arqueológicos, para terminar na paleobiologia e nas técnicas de estatística e quantificação.

Sem pretensões de esgotar um tema que não o permite, este é apenas mais um contributo para uma reflexão epistemológica que, respeitando a especificidade das áreas de estudo, estabeleça disciplinares e áreas de colaboração e que a “relação arqueólogo-outra ciência se processa num duplo sentido, com múltipla vantagem e eventual criação, em comum, de metodologias e conceitos novos”.

De qualquer forma, seja a realidade dos recursos humanos e das infraestruturas disponíveis é hoje bem mais satisfatória que em 1979, falta ainda percorrer um longo caminho até que os contactos entre profissionais de diferente formação se traduzam em relações institucionais estáveis e profícuas, conferindo à Arqueologia o seu verdadeiro estatuto de ciência aglutinadora de variadas valências, área por excelência adequada ao estudo do Homem como todo complexo e multifacetado, no plano da matéria cultural que produz, das formas de organização social que praticou, das construções simbólicas e das representações que criou.

Jorge Raposo

Al-madán • II Série, nº 5 • Outubro 1996

Propriedade: Centro de Arqueologia de Almada • Apartado 603 (PRAGAL) • 2801 ALMADA CODEX • Tel./Fax: (011) 276 69 75
Apoio Administrativo: Nónia Santos e Ana Valente Tradução: Luís Gouveia e Luísa Paiva (ingles) e Maria Isabel Santos (frances)
Modelo Gráfico: Jorge Raposo e Paulo Bicalho Paginação electrónica: Jorge Raposo Ilustração: Jorge Raposo e Vên Almeida Cartom: José Santos Revisão: António Corte, Ana L. Duarte, M. Graziela Duarte, Elisabete Gonçalves, Fernanda Loureiro, A. C. Mangucic e Francisco Silva
Fotografia: Rosa Imprensa Tipografia Lago Tiragem: 2 000 exemplares Periodicidade: Anual
Apoio: Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto Português da Juventude, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Câmara Municipal do Seixal, Câmara Municipal de Almada e Região de Turismo de Sintra
SOLICITA-SE PERMITA • ON PRE L’ÉCHANGE • EXCHANGE WANTED • TAUSCHVERKEHR ERWÜNSCHT • SOLICITAMOS SCAMBIO

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

Outubro 1996 • II Série, nº 5 • Al-madán
na busca de um passado comum
O NEOLÍTICO E AS ORIGENS DO MEGALITISMO

por Joaquina Soares (*)

Introdução

Em cenário de globalização da economia à escala planetária, a Europa Ocidental tende a assumir-se como um bloco hegemônico, com capacidade para integrar a diversidade de seus estados-nações e sublimar a intensa conflitualidade que atravessa a sua história. Refuzar essa história, enfatizando as comunidades, parece ser um esforço necessário à criação de um capital simbólico suficientemente forte para legitimar o novo poder político que teoricamente emana da totalidade dos países envolvidos no programa de construção da Comunidade Europeia. Como expressão dessa filosofia integradora poderíamos citar a Campanha sobre a Idade do Bronze ou a Primeira Idade de Ouro da Europa, da iniciativa do Conselho da Europa, assinalada em Portugal através de exposição e de colóquio subordinado ao tema “Existe uma Idade do Bronze Atlântico?”, o qual pretendia abordar a problemática da rede de trocas em domínio atlântico, durante o 2º e inícios do 1º milénios a.C. Essas manifestações foram desenvolvidas directamente pela Secretaria de Estado da Cultura (1995).

Debruçado sobre a Europa Atlântica, em uma perspectiva regional e mais uma vez transversal aos territórios e políticas nacionais, ocorreu recentemente, em Santiago de Compostela (Março de 1996), um colóquio internacional sobre O Neolítico Atlântico e as Orígenes do Megalitismo que, embora ditado pela mesma filosofia, espelha de forma mais genuína que a reunião científica anteriormente citada as clivagens intra-regionais e as condições sociais de produção científica vigentes, pois a iniciativa partiu de entidades não governamentais, como a Universidade de Santiago de Compostela e a UISPP. Por outro lado, abrangendo uma região actualmente periférica no quadro da Europa Ocidental, não deixa de ser interessante ler a iniciativa enquanto acção mobilizadora de um património cultural sem dúvida imprescindível, ao serviço da conquista de maior protagonismo da fachada atlântica, no contexto da Europa das Regiões: a última frente do Neolítico europeu é também o berço do mais pujante Megalitismo. Como afirmava Jean Guillaume na conferência inaugural do Colóquio, se as terras atlânticas ficassem a dever a introdução da agricultura e criação de gado ao mundo mediterrâneo, nos estádios pré-megalíticos registar-se-iam “[…] d’évidents processus de symétrie” e, na fase megalítica, mais tarde no Mediterráneo, o Atlântico mostra um momento de grande originalidade cultural. O enfoque da interacção dos mundos mediterrâneo e atlântico marcou a inauguração do Colóquio; o seu encerramento não foi, porém, assinalado pela afirmação de uma clara unidade cultural atlântica, facto imputável a ausências mais do que à realidade arqueológica. Mas os seus intelectos, estiveram claramente sub-representados ou mesmo ausentes as áreas atlânticas menos periféricas do actual mapa de desenvolvimen-to económico-social como a Suécia, Dinamarca e Grã-Bretanha. A análise do volume de resumos das intervenções, em total de 56, mostra que sobre o Noroeste europeu versaram somente seis textos (11%) e que metade delas respeitava à Irlanda. A França

ABSTRACT

Further reflections on the debate that took place at the international conference for The Atlantic Neolithic and the Origins of the Megalithism, in Santiago de Compostela (Spain, March, 1996). The origins of Megalithism, megalithic chronology and the role of Megalithism in the consolidation of the peasant societies of Western Europe.

RÉSUMÉ

Rétrospect de l'état du débat qui s'est tenu lors du colloque international tenu à Santiago de Compostela (Espagne, Mars 1996), portant sur le Neolithique Atlantique et les origines du Megalitisme. Approche des origines du megalithisme, de la chronologie megalithique et de son rôle dans la consolidation des sociétés paysannes de l'occident européen.

(*) Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Deyr do Sebúal.
Os textos de caráter genérico, e, em geral, de grande abrangência espacial, ocupam cerca de 18%. Um deles excede mesmo as expectativas, ao centrar-se sobre o Megalitismo do Cáucaso, onde procura surpreender relações com o da Europa Atlântica: "Dolmens with port-hole-slabs. The megalithic constructions in the Caucasus and their relation with the Atlantic region", por Svend Hansen. A explicação para a produção desta comunicação, visivelmente excentrica, parece residir no interesse que a Escandinávia, e em particular a Dinamarca, colocam no alargamento da sua área de influência para leste, quer em direcção às novas repúblicas bálticas, quer para áreas bem mais distantes do antigo domínio soviético.

A comunicação sobre problemática geral, em torno do Megalitismo atlântico, apresentada por Roger Joussaume, sublinha precisamente o limitado conhecimento acerca dos regionalismos: "Il faudrait y ajouter les problèmes particuliers liés aux régionalismes. Peut-être ne les connaissions-nous pas aussi bien et cela surtout parce que l'information ne circule pas très bien entre tous les chercheurs concernés par le mégalithisme de l'Europe. Il faudra oublier pour une meilleure communication internationale!".

Rasgando novas avenidas para a investigação e mobilização do património megalítico, o Colóquio poderá conduzir à criação de novas narrativas sobre esse Passado difícil de manter no pretérito. Citemos as palavras de Cornelius J. Holtorf: "Whenever a megalith is not just forgotten, which hardly ever happens, it experiences second and third and fourth... origins. Cultural memory transforms the meaning of existing monuments with intentions for the future, and retrospective memory then turns into prospective memory: the past".

O Passado, materializado em lugares que actuam como centros de actividade de lazer e do pensamento contemporâneos, tem, com efeito, nos monumentos megalíticos da Europa Ocidental, uma das suas expressões mais relevantes. A arqueologia megalítica, enquanto meio de comunicação ao serviço da superação dos conflitos inerentes à profunda mudança ocorrida nas sociedades humanas do Ocidente europeu no decurso do processo de neoliticização, assume-se como um fenômeno de grande transversalidade espacial, permitindo, sem ignorar as especificidades locais, dar
formação a ideia de Passado Comum de que as actuais condições imagético-simbólicas de produção parecem carecer.

As origens do Megalitismo

A problemática das origens do Megalitismo, tema central do Colóquio, foi expressamente abordada em 15 das 56 comunicações. Pensamos não correr grandes riscos ao afirmar que se gerou algum consenso quanto à atribuição das primeiras manifestações megalíticas a sociedades plenamente agro-pastoris, do Neolítico médio; no seu conjunto, aquelas manifestações materializariam superestruturas funerárias ideológicas ao serviço da consolidação da nova organização social neolítica, de tipo segmentário, integrante do modo de produção doméstico, e consubstanciariam as noções de territorialidade, de tempo cíclico e do cosmos associadas ao sistema económico-social emergente. Esses lugares construídos acumulariam importante capital simbólico que iria interagir com todos os aspectos da vida das populações e revelar capazes de justificar a criação de hierarquização social em estádios evoluídos do processo de "necropolização da paisagem". Aglutinadas sob a ideia central exposta, as manifestações megalíticas mostram-se por vezes funcionalmente diversificadas, mesmo especializadas (por exemplo, menires de "sinalização" de dólmen de corredor) e apresentam nítida variabilidade regional (Fig. 5) e diacrónica. Em comum, mais do que as soluções morfo-técnicas, a ideologia megalítica: "Dans le Mésolithique, l’occupation néolithique est désormais fort bien représentée, du Néolithique ancien au Néolithique final inclus. Et pourtant, sur les
cartes de répartition des mégalithes, cette région ne révèle pas une intense activité mégalithique, surtout si on la compare à d’autres régions atlantiques de la France, comme la Vendée ou la Bretagne [...]. Faut-il envisager la prévalence de rites funéraires différents, dans des sociétés où le rôle social et religieux du mégalithisme aurait pu être dévolu à d’autres formes d’expression?" (ROUSSOT-LARROQUE, 1996: 34-35).

O Megalitismo, enquanto parte integrante de sociedades de tipo segmentário, não pode ser vinculado aos primeiros momentos da neolitização de uma região se este último processo for entendido como a mudança económico-cultural desenvolvida pelas populações mesolíticas autóctones, que levou ao surgimento do modo de produção doméstico. As comunidades que inauguraram o processo de neolitização, organizadas em estruturas sociais que deveriam conservar grande abertura e flexibilidade, derivadas do bando, dificilmente podem ser consideradas as primeiras construtores de megalitos. Será mais razoável atribuir esse papel às suas sucessoras que, em momento subsequente à assimilação da economia de produção de alimentos, teriam procedido à necessária reestruturação da organização social, agora asseme em relações estáveis, fundadas no parentesco, bem adaptadas ao novo sistema económico. Neste contexto, as noções de anterioridade, de passado, de ante-

---

*Figura 2:*


*Figura 3:*

passado mitico adquirem lugar central na ideologia emergente e resolvem-se privilegiadamente no espaço funerário; complexa manipulação dos restos mortais dos antepassados, construção da ‘perenidade’ para os que estiveram antes, fundaram o grupo, delimitaram e domesticaram o território, lançaram à terra as primeiras sementes. O Megalítismo, cimento da nova sociedade campesina, pressupõe, assim, um momento de neolitização prévio, de integração de inovações essencialmente tecno-econômicas: o Neolítico antigo. E como captar esse momento que se pode casar tão bem com o registo arqueológico dos últimos çaçadores-recolectores complexos do Ocidente, sejam eles sino-censes, mugenses, de Téviec ou de Ertebølle? Como descobrir sob a intensa visibilidade dos gigan tescos megalíticos da Bretanha ou do Alto-Alentejo a modesta volumetria dos sítios do Neolítico antigo se não imaginarmos primeiro a sua existência? Na Galiza, no interior alentejano, no ocidente francês, e, forçadamente é certo, está sendo procurado esse Neolítico pré-megalítico que paulatinamente se transforma do estado de pré-figuração teórica para o da realidade arqueológica. A identificação, na base do desenvolvimento da arquitectura megalítica, de uma fase de caráter proto-megalítico, representada por pequenas sepulturas simples, de planta fechada, destinadas a inumação individuais, em áreas tão diversas como Portugal (Tavares da Silva, 1996) e a região de Mecklenburg-Vorpomern (Nager, 1996) pode ser lida como a ponte entre Neolítico antigo e o pleno Megalítismo. Atendendo-se à pequena câmara, embora já de planta aberta, sob tumulus, que precede a construção do grande dolmen de corredor de Dombate (La Coruña) (Fig. 6).

Face ao grau de elaboração dos rituais funerários de população do Mesolítico final da Europa Atlântica, alguns autores defendem que as primeiras manifestações megalíticas poderiam estar na continuação directa daquelas ou, pelo menos, possuírem algum ancoramento simbólico nas referidas práticas funeràrias (Thomas & Tilley, 1993).

Independentemente dos desafios cronológicos, é evidente a importância conferida ao domínio do funerário em algumas regiões da fachada atlântica, durante o Mesolítico final. A expressão mais saliente é constituída por cemitérios integrados em amplos edifícios habitacionais (Figs. 1-3). No sítio mesolítico de Moita do Sebastião (Muge), datado da 2a metade do VIII milênio BP, foram identificadas 34 sepulturas não ou pouco estruturadas (fossas), com uma ou mais inumações. O ritual funerário inclui a apresentação de ursos e fogo e impunha normas de preparação dos défuntos como a flexão forçada das pernas sobre o tronco (posição fetal) e a deposição em decúbito lateral, com a cabeça artificialmente elevada.

Os mortos eram acompanhados por raras artefactos, sobretudo adornos elaborados a partir de conchas. Registaram-se indícios de prováveis refeições fúnebres (Roche, 1972). Os cemitérios dos concheiros de Téviec e Hédéc (meados do VII e primeiro quartel do VI milênios BP), no Morbihan, mostram rutas mais complexas (Thomas & Tilley, 1993): inumações singulares ou múltiplas em fossas, e em alguns casos em cistas pétreas com pequena lurete no topo associada a provisões alimentares (peças de caça), cobertas por pequenos tunuli; espólio funerário acompanhava os inumados. Estas evidências arqueológicas parecem mostrar importante desenvolvimento dos índices de sociabilidade e encontram-se invariavelmente associados, quer na Costa Sudoeste Portuguesa, na Bretanha ou no Sul da Escandinávia (Scania), a economias de lago prospetiva, em processo de intensificação econòmica, nomeadamente pela via do desenvolvimento da pesca e/ou do armazenamento (os recursos marinhas detêm posição relevante). Praticavam estratégias de mobilidade e possuem índices de sedentarização relativamente elevados. Estas populações, em situação de stress, adoptaram novas formas de intensificação económica e a criação de gado ou a cerâmica. Com elas começa, activamente, o processo de neolitização. O ritmo deste processo depende sobretudo de factores locais/regionais como a situação de equilíbrio/desequilíbrio entre populações, suas estratégias de subsistência e seus recursos naturais da que proviamente da disponibilidade das inovações megalíticas, em rápida circulação pelo continente europeu. Atendendo-se, por exemplo, à fronteira setentrional da distribuição da economia campesina na Scania, que, estacionada em cerca de 5 000 BP, nas províncias de Uppland, Västmanland, Närk e talvez Dalsland, quase não se deslocou durante o milénio seguinte (Ahlfelt et al., 1995).

Em concheiros do Vale do Sado, surgem cerâmicas impressas, algumas com decoração cardial, associadas a conjuntos faúncnicos exclusivamente selvagens; em Téviec, foi encontrado um dente de ursus; do concheiro de Beg-an-Dorchenn (Finisterra) foram recolhidos vestígios ósseos atribuíveis a bovinos provavelmente domesticados; no final da cultura de Ertebølle mostra a presença de cerâmica e indicam-se já não da prática, mesmo que experimental, de alguma agricultura incipiente, pelo menos do seu conhecimento: “However, the question remains of whether or not tillage and animal husbandry were introduced during the Ertebølle culture and were of minor economic importance for an initial period. Impressions of seeds in Ertebølle pottery from western Scania show the existence of cereals … Pollen diagrams also reveal pollen of Cerealea type from the Late Atlantic” (Larsson, 1990: 294). Com efeito, o processo de neo-
A utilização no Ocidente europeu parece ter-se iniciado em continuidade com o sistema económico-social dos últimos caçadores-recolheiros, mantendo-se, durante o período de transição os mesmos padrões de povoamento e rituais funerários. Porém, na fase subsequente do processo de neolitização, o registro arqueológico dá-nos conta de uma nova realidade marcada por profunda restuturação social. No espaço funerário artefactualiza-se e legitima-se, então, o princípio da nova formação social, de tipo segmentário. Este espaço disso-se do povoado, comportando-se como o oposto da perecibilidade do quotidiano.

Na fachada ocidental da Península Ibérica, os inícios do processo de neolitização (meados e segunda metade do VII milénio BP) (Soares, 1996) associado à definição de um Neolítico antigo, pré-megalítico (integração das primeiras formas de agricultura e criação de gado e/ou da cerâmica e pedra polida, em economias de caça-recolheção complexas) (Fig. 4), de fácies mediterrânea, encontra-se bem representado na costa portuguesa, até à latitude de Figueira da Foz e começa a afirmar-se, ultimamente, na baía de Cádiz, em povoados que, na tradição mesolítica, incluem ainda, no seu espaço a função funerária (inumações individuais em fossa) (Ramos et al., 1996). Para norte da Figueira da Foz, a emergência do Neolítico era tradicionalmente associada à do Megalítismo. Presentemente, tal paradigma sofre acentuada crítica, mesmo quando os dados cronológicos tendem a estrangular a faixa temporal entre Mesolítico e Megalítismo, e as evidências arqueológicas escapam às malhas do registro, quer na Galiza quer na comarca cantábrica. Os dados palinológicos de O Reixe (Corunha), que apontavam para a presença de pôlenes de Cerealia, em um nível datado por 14C de 6.590±70 BP (Csic-508) (Vazquez Varela, 1988) é actualmente objecto de revisão críti-

† Figura 4:
Figura 5:
Megalismo e regionalismo: os casos do Alentejo Litoral (A) e do Sul do Baixo-Alentejo (B).
A fase inicial encontrou-se representada, em ambas as regiões, por pequenas sepulturas de planta fechada e a fase final, por mato (seg. Tavares da Silva, 1987).

Diacronia megalítica:
evolução progressiva ou cíclica?

A problemática da evolução do Megalismo ocupa uma posição nuclear em oito dos 56 resumos das comunicações ao Colóquio. Regularidades: fase inicial caracterizada por sepulturas simples; fase média, correspondente ao apogeu do gigantismo e da complexidade da arquitetura funerária; fase regressiva, em que se assiste ao declínio da ideologia megalítica. As sepulturas são então de menores dimensões e menos exigentes em investimento construtivo. O monumento de corredor de La Ougue Béi (Jérsei), com o comprimento total de 18 m e um cairn com 55 m de diâmetro e 12 m de altura, abandonado, provavelmente, entre 3 250 cal BC e 2 850 cal BC, terá requerido uma força de trabalho da ordem das 200 pessoas (KINNES & HIBBS, 1988), o que implicaria uma dimensão mínima de 800-1 000 pessoas para o grupo de Ougue Béi (PATTON, 1991). A maioria das cistas sob tumuli calcolíticas, da mesma região (Channel Islands), poderiam ter sido construídas por 20-50 pessoas, facto que pressuporía a existência de comunidades de menores dimensões, com 100-200 pessoas (PATTON, 1991).

No sul do território português, a perda de importância e de visibilidade do espaço funerário, durante o Calcolítico, tem a sua contrapartida no reforço do investimento nas áreas habitacionais (SOARES & TAVARES DA SILVA, 1992) e parece associar-se a profundas transformações sociais: os mecanismos de hierarquização social e de relativização centralizadas poder que os grandes monumentos megalíticos, da fase de apogeu, fazem supor, terão entrado em colapso, abrindo passagem para a organização social calcolítica, de escala mais localista. A destruição da estrutura de poder, que as evidências arqueológicas colocavam na via da evolução das sociedades tribais para datações mais fiáveis, de 6 100 a 5 600 BP, foi obtido em Lede-du-Gurp (CASSEN, 1993). Da Loire à Normandia, as manifestações megalíticas parecem desenvolver-se a partir de um Neolítico antigo de carácter epipaléneano (horizonte Cerny), situado cronologicamente entre 5 700 e 5 500 BP (CASSEN, 1993). Da comunicação de Jacques Briard sobre o sítio megalítico de Saint-Just, Ille-et-Vilaine, importa assinalar algumas contribuições para o melhor conhecimento desse Neolítico pré-megalítico: datação da 1ª metade do VI milénio BP obtida para um fojer anterior ao menor associado ao dólmen Norte e sepultura em fossa de tipologia inédita na Bretanha, que forneceu materiais cerâmicos afins dos epipaléneanos da bacia parisiense e do Centro (grupo de Chambon).
as chefaturas, poderá ter sucedido a emergência de “big men” (SAHLINS, 1963). No território português, cada povoado, sem ser autárquico, tende para uma relativa autonomia. A comunidade calcolítica, basicamente igualitária, exporta o conflito preferencialmente para o nível inter-grupal. A intensa conflitualidade pode ter-se na generalização dos povoados fortificados, pontos focais, por excelência, da actividade e investimento do sobrepouso económico das populações calcolíticas. A sombra daqueles projeta-se sobre o espaço funerário, agora subalternizado, em relação ao da fase anterior. A par de reutilizações, construam-se sepulturas de tipo tholos menos dispersas nas trabalhos e materiais. Refira-se, a título de exemplo, o tholos OP2b (Reguengos de Monsaraz) datado de 4 290±100 BP (ICEN-955), 4 180±80 BP (ICEN-956) e 4 130±60 BP (ICEN-957) (GONÇALVES, 1994), e construído como “sepultura secundária” do dólmen 2 do Olival da Pega, após o encerramento definitivo desta grande sepultura de corredor. A profunda mudança cultural associada à emergência do modo de produção calcolítico e à queda da ideologia megalítica pode ser explicada, no Sul de Portugal, pela Revolução dos Produtos Secundários (RPS), de que destacamos a aplicação da força de tração do gado bovino à agricultura e a utilização do arado e do carro, evidenciada pelas gravuras do santuário exterior do Esmoural (GOMES et al., 1983, 1994). Para a fortificação calcolítica sobrejacente obteve-se a data de 4 260±90 BP (3 090-2 590 cal BC, 2σ) (ICEN-609).

Um aspecto que se salienta da análise dos diferentes textos sobre a problemática da evolução do Megalismo na Península Ibérica é a constatação de um desenvolvimento não linear e progressivo, mas
cíclico, que ilustramos com uma afirmação de Antón RODRIGUEZ CASAL (1996: 52): "A partir de mediados do IV milénio a.C. (não calibrado) se assiste a um processo de colonização de todo o território galego, evidenciado na extraordinária abundância de túmulos [...], que cobijan em sua interior dólmenes simples (fase 1), dólmenes de corredor (fase de apogeo) e citas megalíticas, sepulturas tumulares ou fossas (horizonte Rechaba/Monte Campelos, do Megalitismo final)". A semelhanças resultados chegou Mark PATTON (1991), para a Bretanha, defendendo que a mudança social ocorre não através da consolidação e expansão das estruturas de poder existentes mas, pelo contrário, através do seu colapso. A esta perspectiva dialética, nós acrescentáramos expressamente, com base no registo arqueológico do Sul de Portugal, a vertente tecno-económica (RPS) como factor crucial do processo de mudança sócio-cultural.

Tempo de criação megalíctica: consolidação das sociedades camponesas do ocidente europeu

Se o Neolítico pré-megalítico possui na Europa Atlântica cronologias diversas, um significativo acerto de relógios parece ter ocorrido no período megalítico: "Within the North East Cotswolds of Southern England, megalithic architecture is first used to create a series of simple tombs around the start of the 4th millennium BC [...]. In contrast to the simple tombs, the design of the first long cairns could have served to both unit and conceal the differences of various social units or sub-groups [...]. It is concluded that the simple tombs and settlements belong to a non-monumental phase of the Neolithic (4 000-3 700 cal BC), before the wide spread construction of causewayed enclosures and the use of more monumental architecture" (BARCLAY, 1996: 19-20).

Para o NW de França as questões diacrónicas e cronológicas não estiveram propriamente em foco, registando-se uma preferência pelo problemática do significado das realizacções megalíticas. De recordar, no entanto, a datação 14C das lateiras anteriores ao cairn de Table des Marchands de 4 020 a 3 730 cal BC e as datas atribuídas aos túmulos de Carnac a partir dos seus conteúdos artefactuals (4 250-3 250 cal BC) (PATTON, 1991).

Na Galiza, o momento de maior desenvolvimento do arquitectura megalítica encontra-se datado entre os inícius e o 3º quartel do V milénio BP. A construção do monumento de corredor de Dombate foi datada por radiocarbono dos inícius do V milénio BP; 4 918±46 BP; 3 789-3 637 cal BC a 2σ (CSIC 890 e 891); as primeiras utilizações da entrada do monumento, de 4 439±12 BP; 3 100-3 030 cal BC a 2σ (CSIC 893, 939, 940, 941, 942, 944, 963) e o encerramento definitivo da porta do corredor, de 4 205±29 BP; 2 817-2 691 cal BC a 2σ (CSIC 892 e 948) (ALONSO & BELLO, 1996: 56-57).

Em Portugal, a um momento imediatamente posterior à fase proto-megalítica pertencem as primeiras sepulturas megalíticas de corredor incipiente, como a anta I do Poço da Gaiete (Reguengos de Monsaraz), datada por termoluminescência de 4 510±360 AC (OsTL 1696). A estas sepulturas de corredor que assimilam a generalização do ritual funerário coletivo associam-se povoados abertos, pouco estáveis, como o da Fábrica de Celulose (Mourão) (SOARES & TAVERES DA SILVA, 1992). Em termos ergológicos assiste-se ao desenvolvimento da indústria em pedra polida e bojardada (elementos de mó) e à rarefação da indústria em pedra lascada, em geral representada nos habitats por estreitas lâminas não retocadas e nos sepul- cros por lâminas e geométricos trapézoidais. São muito característicos desta fase recipients de formas esféricas decorados por um sualo horizontal localizado imediatamente abaixo do bordo, na parede externa do recipiente, a qual pode apresentar pintura a alma- gre; de um modo geral registá-se acentuado decorosi- mo da decoração cerâmica.

Durante o Neolítico médio, face à fraca visibilidadade dos habitats e relativa escassez de elementos da cultura material cronologicamente descritivos, as tentativas de captação do devir histórico parecem ser mais proficientes quando dirigidas para o espaço funerário, palco onde se representou ou onde melhor podíamos representar o "auto" da criação da sociedade camponesa. A uma fase avançada do Neolítico médio parece corresponder a construção de sepulturas mais monumentais como o dólmen I do Carapito (Aguir Serra da Beira-Guarda). A utilização primária da câmara do monumento encontra-se datada de 4 850±40 BP (GrN-5110) e de 4 590±65 BP (Hv-s/n1). Calibradas a 2 sigma, fornecem o seguinte intervalo: 3 775-3 100 cal BC. Recentemente, obtiveram-se datações para cavões recolhidos imediatamente sob um dos estes de câmara que poderiam corresponder à fase construtiva ou, indicar um termos post quem para essa construção: 5 125±70 BP (OxA-3 733) e 5 120±40 BP (TO-3 336). Calibradas a 2 sigma, fornecem o seguinte intervalo: 4 213-3 780 cal BC (VILAÇA & CRUZ, 1994).

No Neolítico final (curto período que centramos entre 4 600 BP e 4 400 BP, 2º metade do IV milénio cal BC), muito embora os povoados possuam maior visibilidade que no período anterior, continua a ser nos monumentos funerários que melhor se espelha a estrutura social neolítica. Aí deparamos com os mecanismos de competição pelo poder. A desigualdade social parece ter-se radicado na aproprição individual
ou restrito do "capital" simbólico acumulado naqueles espaços. Acumulação potenciadora de complexidade social no quadro da RPS. Esta deu futuro às formações agro-pastorais através da sua estrutura de criação e migração de gado e abrigo das sociedades complexas. A construção dos grandes dolmens acentuou-se com a Anta Grande do Zambujeiro. As condições necessárias nos excedentes propiciados pelos ganhos de produtividade aportados pela RPS. O retomar da estrutura social linkage e a crescente competição entre linhas de maior presti- jo justificavam (condição suficiente) a procura de economias do simbólico.

Bibliografia sumária


ROCHE, J., 1972, Le Giessen Mésoolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal), Lisboa, Instituto de Alta Cultura.


